

O gênero entrevista radiofônica em comunidades hispânicas: um aporte da Análise Textual Automática

The radio interview in Hispanic communities: a contribution of the Automatic Textual Analysis

Leandro Silveira de Araujo*

RESUMO: Neste trabalho descrevemos o gênero *entrevista radiofônica* em comunidades de língua espanhola. Para tanto, recorreremos a uma breve revisão dos principais aspectos envolvidos na caracterização dos gêneros discursivos segundo uma abordagem sociointeracionista. Com auxílio do *software Audacity 1.3*, efetivamos a gravação e transcrição de entrevistas radiofônicas veiculadas por rádios de transmissão online, as quais nos serviram como *corpus* para a análise do funcionamento desse gênero do discurso. Finalmente, valemo-nos do *Tropes 7.23*, *software* de processamento automático de textos, para auxiliar-nos na descrição dos âmbitos temático, estilístico, estrutural e funcional dos enunciados que compõem a *entrevista radiofônica*.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista Radiofônica. Gêneros do discurso. Análise textual automática. Linguística de *Corpus*. Língua Espanhola.

ABSTRACT: This paper describes the radio interview in Hispanic-speech communities. Therefore, we resort to a brief review of the main aspects involved in the characterization of discourse genres according to a sociointeractionist approach. With the help of *software Audacity 1.3*, we recorded and transcribed the radio interviews transmitted by online broadcast radio, which served as the *corpus* for the analysis of the functioning of this discourse genre. Finally, we used the *Tropes 7.2.3*, a word processing software, to assist us in the description of the thematic, stylistic, structural and functional domains of the radio interviews.

KEYWORDS: Radio interview. Discourse genres. Word processing software. *Corpus* linguistics. Spanish.

“[...] la radio se apoya en las normas de prestigio, nacionales y regionales. La radio permite el acceso instantáneo a las voces y a las ideas de todos los miembros de la sociedad, como oyentes o como participantes ocasionales” (LIPSKI, 2011, p.162).

* Professor do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia. Doutorando do programa de pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras (FCL/Araraquara), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). E-mail: araujoleandrosilveira@gmail.com.

1. Introdução

Apresentaremos, neste trabalho, algumas contribuições da análise textual automática para a descrição dos gêneros discursivos, com especial atenção a enunciados pertencentes ao gênero **entrevista radiofônica**, produzidos em Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán – cidade ao norte da Argentina – e difundidos por rádios com transmissão também via *web*. Com esse objetivo, começamos pela apresentação do gênero em questão, descrevendo, de modo geral, as categorias próprias desse constructo sociodiscursivo, isso é, sua função, estilo, conteúdo temático e composicional. Para tanto, nos apoiamos numa discussão que articula e relaciona tanto o apoio teórico sobre gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997; MARCUSCHI, 2008), como a descrição sobre as características da entrevista radiofônica segundo os profissionais que interagem cotidianamente com esse gênero (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004; PORTUGAL; YUDCHAK, 2008).

Uma vez construída essa fundamentação, apresentaremos os softwares a que recorreremos para compilar (*Audacity 1.3*) e processar automaticamente (*Tropes 7.2.3*) os textos que constituem o *corpus* de análise, explicando sucintamente a contribuição deles para cumprir os objetivos estabelecidos neste estudo. Em seguida, apresentaremos o material que compõe o *corpus* de análise, descrevendo o processo de compilação e algumas características linguísticas e extralinguísticas dessa base de dados. Finalmente, apresentaremos os dados provenientes da análise das entrevistas radiofônicas coletadas, expondo, desse modo, as contribuições aportadas pelo *Tropes 7.2.3* para a descrição desse gênero do discurso, no que se relaciona a suas categorias de estilo, conteúdo temático e composicional.

2. O gênero discursivo entrevista radiofônica

A fim de proceder ao estudo da entrevista radiofônica, refazemos o percurso epistemológico da conceitualização desse gênero do discurso orientando-nos por Pérez Cotten e Tello (2004, p. 28), autores que identificam um formato ou gênero que se denomina entrevista jornalística e que conforme sua difusão em suporte papel ou por meios eletrônicos define a entrevista jornalística como escrita, televisiva ou radiofônica. Em outras palavras, verificamos nessa asserção a definição do **domínio discursivo**¹ a que pertence o gênero em questão, bem

¹ Segundo explica-nos Marcuschi (2008), parece que conceito de *domínio discursivo* é equiparável à “esfera da atividade humana”, presente em Bakhtin (1997), pois segundo afirma o teórico brasileiro, “os domínios discursivos

como o **suporte** de sua circulação social. Isto é, podemos inferir que dentro da esfera jornalística há um modo de interação comunicativa estável que se chama **entrevista**, o qual, como sabemos, define-se pelas especificidades, exigências e necessidades do jornalismo².

Os traços que aporta o suporte (**rádio**) ao “formato” (**entrevista jornalística**) revelam-nos que apesar do suporte não alterar o valor dos textos que propaga, ele pode definir o gênero desses enunciados (MARCHUSCHI, 2008). No caso do rádio, um suporte virtual convencional, a ausência da imagem (presente na televisão) ou da possibilidade de releituras (possível no jornal impresso), entre outras características que descreveremos mais adiante, diferenciam a entrevista radiofônica das entrevistas difundidas por outros suportes do mesmo domínio discursivo.

Em complemento, como adverte Marcuschi (2008), a função desempenhada pelo gênero é um constituinte que deve ser considerado quando se deseja descrevê-lo. Visando encontrá-la, verificamos novamente nas palavras de Pérez Cotten e Tello (2004) o possível propósito da entrevista radiofônica:

Sirve para la construcción discursiva de diferentes relatos periodísticos [...] y, también, para escuchar directamente la voz del entrevistado [...] en ambos casos, el objetivo inicial (y por cierto, final) es el de producir conocimiento [...] (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p. 29)³.

La entrevista, por lo tanto, es el principal recurso periodístico para acceder a la información, ampliar una noticia, obtener la voz de algún personaje (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p. 34)⁴.

A estruturação do gênero relaciona-se, portanto, à reconstrução de um evento por meio do discurso, à apreensão e à avaliação de opiniões envolvidas com acontecimentos das mais

produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros. Além disso, acarretam formas de ação, reflexão e avaliação social que determinam formatos textuais que em última instância desembocam na estabilização de gêneros textuais” (MARCUSCHI, 2008, p. 294).

² São exemplos de outros gêneros presentes no domínio discursivo jornalístico: os editoriais, as notícias, as reportagens, a nota social, os artigos de opinião, a história em quadrinhos, a crônica policial, a crônica esportiva, os anúncios, os classificados, as cartas do/ao leitor, as entrevistas televisivas e radiofônicas, as notícias de TV/rádio; as reportagens ao vivo, as discussões, debates, etc. (MARCUSCHI, 2008, p. 195).

³<Tradução nossa> “Serve para a construção discursiva de diferentes relatos jornalísticos [...] e, também, para escutar diretamente a voz do entrevistado [...] em ambos os casos, o objetivo inicial (e certamente, final) é o de produzir conhecimento [...]”.

⁴<Tradução nossa> “A entrevista, portanto, é o principal recurso jornalístico para aceder à informação, ampliar uma notícia, obter a voz de algum personagem”.

diversas esferas da sociedade. Ou seja, a entrevista radiofônica se organiza em função do “informar”, fazendo da informação, “notícia”⁵.

O interessante, no entanto, é que, se nos atemos apenas a esse traço, não avançamos muito no que corresponde ao conhecimento das características próprias apenas a esse gênero, isso porque veicular informações pertence à essência da esfera jornalística e, portanto, é de se esperar que verifiquemos o mesmo propósito em outros gêneros do discurso pertencentes à esfera jornalística.

Por isso a diferenciação da *entrevista radiofônica* vai se afirmando, de fato, à medida que se identificam novas características do gênero. Assim, como lemos nos dois fragmentos acima, o aporte de novas informações se dá, nesse gênero, pela recepção da voz direta do entrevistado (“voz de algum personagem”). **Voz** que, por sua vez, responde outra, geralmente indagadora. A atitude responsiva verificada nesse embate resgata um caráter dialógico, que na entrevista é visto como:

[...] un encuentro de absoluta formalidad⁶ donde los roles están bien definidos. Hay un actor que propicia el desarrollo del conocimiento de un tema a través de otro actor. Pero este actor conoce algo sobre el tema, tiene algunas ideas. Éste, a través de preguntas facilita que se produzca conocimiento nuevo sobre determinado tema (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p. 25)⁷.

Em outros termos, o diálogo, além de possuir uma forma bem definida e conhecida por seus participantes, é instaurado por dois atores, cujos papéis estão bem estabelecidos: um que se acredita dominar o conteúdo que está na pauta da entrevista e outro que, a partir do conhecimento superficial que adquiriu sobre o assunto, conduz o debate, tentando facilitar, por perguntas, o descobrimento de novas informações sobre o tema.

No gênero **entrevista radiofônica**, o diálogo formalizado com fins informativos assume um caráter eminentemente “público”, pois se constrói para difundir uma informação

⁵ Pérez Cotten e Tello (2004, p. 29) diferenciam “informação” de “notícia”. A primeira seria somente o relato de um evento ocorrido ou que está por acontecer, por sua vez, a *notícia* é a informação que se tornou difundida pelo interesse despertado em seu espectador. Logo, toda notícia implica necessariamente uma informação, o contrário não é verdadeiro.

⁶ Formalidade, aqui, não é entendida como nível de monitoramento linguístico, mas como estruturação (forma) bem definida e marcada.

⁷<Tradução nossa> “[...] um encontro de absoluta formalidade, onde os papéis estão bem definidos. Há um ator que propicia o desenvolvimento do conhecimento de um tema através de outro ator. Mas esse ator conhece algo sobre o tema, tem algumas ideias. Este, através de perguntas, facilita que se produza conhecimento novo sobre determinado tema”.

(transformando-a em notícia) e, logo, satisfazer o anseio que o ouvinte tem por determinado assunto. Não é por acaso que se caracteriza a entrevista nesse domínio discursivo como “a mais pública das conversações privadas” (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004. P.24).

A cena construída pelo entrevistador e pelo entrevistado (**Eu↔Tu**) debatendo um tema (Ele) aparentemente comporia uma situação suficiente para a concretização de enunciados. No entanto, isso não é assim no diálogo da entrevista jornalística. Graças ao traço “público”, há na entrevista, imprescindivelmente, a exigência de mais um personagem, o telespectador/ouvinte, quem motiva e, por fim, recebe toda a mensagem.

A fim de melhor avaliar o diálogo na entrevista radiofônica e, conseqüentemente, entender como esse conceito ajuda-nos a entender o gênero, recorreremos a Bakhtin (1997), que identifica a diferença existente entre o diálogo presente no gênero de discurso primário, denominado simples, e o diálogo próprio do gênero de discurso secundário, denominado complexo:

Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. — aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios [...] (BAKHTIN, 1997, p. 281).

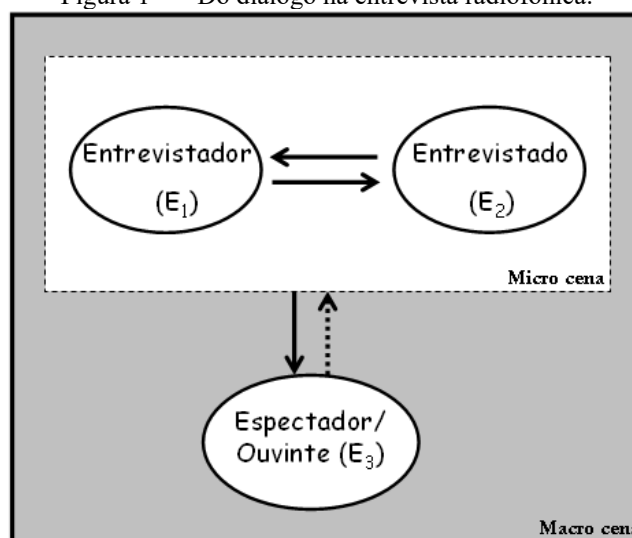
A simplicidade dos gêneros primários parece estar relacionada à espontaneidade observável na interação verbal do cotidiano, que se iguala ou se aproxima ao diálogo *stricto*. Por outro lado, se nota nos gêneros secundários uma espécie de apropriação dos gêneros primários, assimilação que é seguida por uma reelaboração que distancia os enunciados secundários do diálogo cotidiano. Esse processo de “reformulação”, por fim, culmina na constituição de gêneros mais elaborados, cuja “relação imediata com a realidade” dialógica do enunciado, presente nos gêneros primários, já não é evidenciada.

Em síntese, a categorização dos gêneros em **primários** e **secundários** leva em consideração o conceito de **diálogo**, *stricto* ou *lato*:

[...] A distinção entre gênero primário e gênero secundário [...] retoma, respectivamente, as duas maneiras de se considerar o diálogo, a que já fizemos menção: em *stricto sensu*, o diálogo cotidiano, espontâneo e, com base nele, o diálogo mais extenso e complexo que constitui todo e qualquer enunciado. (MARCHEZAN, 2006, p. 119).

Aplicando essa discussão à análise da relação dialógica instaurada na entrevista radiofônica (sintetizada pela figura 1), percebemos uma micro cena, na qual se instaura um diálogo entre entrevistador (E_1) e entrevistado (E_2) para satisfazer, unicamente, o desejo informativo que possui o espectador/ouvinte (E_3), na macro cena⁸. Por seu turno, a resposta do espectador (E_3) ao enunciado composto por E_1 e E_2 não é necessariamente imediata, posto que pode ser dada de diferentes formas: desde modos mais perceptíveis (como em comentários por chamadas telefônicas à rádio) até de maneiras menos conexas (por exemplo, com um diálogo traçado entre E_3 e outro interlocutor (E_n) com quem possa interagir, até mesmo, assincronicamente). Por isso, escolhemos representar essa interação por meio de uma flecha pontilhada.

Figura 1 — Do diálogo na entrevista radiofônica.



Fonte: elaborada pelo autor.

Frente ao cenário apresentado, definimos o gênero **entrevista radiofônica** como *secundário*, pois por se valer da esfera **jornalística** e do **rádio** (“circunstâncias de uma

⁸ Não entender macro e micro, como sentidos *stricto* e *lato* do diálogo, verificados em Bakhtin (1997).

comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída”⁹ (BAKHTIN, 1997, p. 281), esse gênero apoia-se em uma estruturação do diálogo mais complexa, que, como vimos, vai além da simplicidade verificada no diálogo cotidiano (*stricto sensu*). Desse modo, constrói-se um diálogo (entre E₁ e E₂) mais próximo do cotidiano no primeiro plano (micro cena), no qual as relações são sincrônicas, mais espontâneas e onde, aparentemente, se configura a entrevista. Porém essa micro cena não tem valor por si mesma, posto que sua finalidade é informar E₃ (macro cena) e, portanto, estabelecer uma relação dialógica (*lato sensu*) com ele (E₃). Tanto é assim que os integrantes do primeiro plano têm consciência de que estão ali por causa do interlocutor (E₃) – o ouvinte da rádio. As interações nessa macro cena ([E₁ ↔ E₂] ↔ E₃) são viabilizadas pelo entrevistador e não são necessariamente evidentes.

Em outros termos, o que aparentemente configuraria um gênero primário (E₁ ↔ E₂), torna-se componente do gênero secundário ([E₁ ↔ E₂] ↔ E₃), isto é, “[...] transforma-se dentro deste e adquire uma característica particular: perde sua relação imediata com a realidade existente [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 281). Isso porque o diálogo aparente se estrutura para satisfazer as necessidades presentes na realidade que envolve o ouvinte (E₃). Encontramos nas palavras de Farneda (2007) a definição sintética do que tratamos nos parágrafos anteriores:

A entrevista radiofônica é um gênero jornalístico que diz respeito ao encontro de um entrevistador (jornalista) e um entrevistado (especialista em um assunto em particular), cujo interesse é fazer falar o *expert* a respeito dos diferentes aspectos de uma questão e, dessa forma, levar as informações fornecidas, por essa interação, a terceiros. Sendo contrária a uma conversa comum, a entrevista apresenta um caráter estruturado e formal, cujo objetivo é satisfazer as expectativas do destinatário (FARNEDA, 2007, p. 2).

Além de obter a atenção de seu espectador, o entrevistador deve buscar também a simpatia de seu entrevistado, que lhe poderá conceder maior informação à medida que se construa um vínculo de maior confiabilidade. Daí que se infere que:

⁹ Afastando-nos de qualquer mal-entendido que a citação possa gerar, ao se apropriar desses atributos para caracterizar os gêneros secundários, Bakhtin (1997) tinha em mente que as evoluções tecnológicas presenciadas em algumas comunidades poderiam servir como um agente catalisador da criação de novos gêneros. Isto porque, os gêneros **secundários**, tido como mais complexos, “inspiram-se nos gêneros primários e aparecem na sociedade quando esta atinge um certo grau de sofisticação cultural, permitido, principalmente pelo letramento” (SILVEIRA, 2005, p.63).

[...] la entrevista es un acto de seducción mutua. El entrevistador seduce para obtener más y mejores respuestas. El entrevistado busca convencer a su entrevistador, llevarlo a su juego, decir lo que quiere decir y evitar decir lo que no quiere decir (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p. 37).¹⁰

Outra característica da entrevista radiofônica que merece atenção refere-se à já mencionada presença da voz do entrevistado. O uso do discurso direto nesse gênero (i) aproxima o ouvinte do entrevistado, já que aquele sabe que este fala para ele; (ii) elimina a intermediação direta de um terceiro (jornalista), criando uma (iii) aparente objetividade; (iv) permite que o ouvinte tire suas próprias conclusões, protegendo, assim, o jornalista de eventuais asserções comprometedoras; (v) cria empatia ou antipatia entre ouvinte e entrevistado; além, é claro, de (vi) permitir o conhecimento imediato da voz e os testemunhos envolvidos nos episódios noticiados (PÉREZ COTTEN; TELLO, 2004, p. 33).

Haja vista que a presença direta de pelo menos duas vozes (entrevistador e entrevistado) é imprescindível nesse gênero, o estudo de sua construção composicional deverá considerar o modo como, formalmente, organiza-se o diálogo nessa interação verbal. Nesse sentido, Farneda (2007, p. 2) mostra-nos que o “entrevistador e o entrevistado ocupam posições assimétricas”, mas que este “deve respeitar a agenda de perguntas prevista pelo jornalista. Os turnos de pergunta devem sempre terminar com uma interrogativa” e por sua vez, os turnos do entrevistado revestem-se unicamente de respostas. Ao entrevistador cabe a abertura e o fechamento da entrevista e não lhe compete “formular expressões de ratificação, opinião ou comentário, abstando-se de formar opinião contra ou a favor do entrevistado”.

Com o propósito de construir certa imparcialidade, o entrevistador controlará os turnos por meio de falas mais breves. O entrevistado, por sua vez, terá falas mais longas a fim de transmitir a informação que detém. A essas características composicionais, somam-se as instruções dadas por Portugal e Yudchak (2008, p. 76), para quem a condução da entrevista radiofônica deve ser feita por meio de perguntas individualizadas, de modo claro, curto e concreto. Na figura 2, verificamos como essas características composicionais se realizam em uma das entrevistas que compõem *corpus*.

Portugal e Yudchak (2008, p. 84) destacam ainda a preferência por uma linguagem simples e, a partir de relatos de importantes jornalistas, mostram-nos o estilo mais empregado

¹⁰ <Tradução nossa> “[...] a entrevista é um ato de sedução mútua. O entrevistador seduz para obter mais e melhores respostas. O entrevistado procura convencer seu entrevistador, levá-lo a seu jogo, dizer o que quer dizer e evitar dizer o que não quer dizer”.

nesse gênero. Assim, Alfredo Leuco, jornalista cordobês, diz utilizar “uma linguagem mais simples, frases curtas, [apelar] à sabedoria popular, à linguagem da rua, à linguagem coloquial, [...] com o que se ganha maior familiaridade e proximidade”. Notemos como o uso de uma linguagem menos erudita possibilita a aproximação entre jornalista e sua audiência.

Figura 2 — Do modelo de composição estrutural da entrevista radiofônica.

KAR 0'00"	Diez de la mañana treinta y seis minutos. Como todos los lunes a la mañana, está con nosotros el doctor Guillermo Alonso, jefe del servicio de acupuntura del hospital de clínicas Presidente Nicolás Avellaneda. Le damos la [bienvenida] ¿Cómo le va, doctor?	} El inicia o diálogo e apresenta E2.
ALO 0'14"	Bien bien.	
KAR 0'14"	Bien venido.	
ALO 0'15"	Muchísimas gracias.	} Turnos menores e interrogativos
KAR 0'16"	Bueno, hoy un tema, todo el mundo tiene... se hace esta pregunta. Eh... Sobre el te... sobre el tabaquismo, ¿la acupuntura ayuda a superarlo?	
ALO 0'30"	Bien, sí. Hay hay numerosos pacientes que concurren a nuestro servicio. No vamos a decir que todos tienen éxito, pero un porcentaje importante, sí, lo tienen. Eh... Porque muchas veces tienen la convicción de dejar de fumar. Eh... muchas veces co... conocen obviamente cuales son los efectos deletéreo que está haciendo sobre su organismo, sobre la parte respiratoria e sobre el resto de su organismo, conocen las limitaciones... sí sí, claro claro, hay que [####], a la está llegando por su problema de tabaquismo, pero, a pesar de eso y a pesar de su bueno propósito ellos no pueden dejar de fumar. Entonces, buscan esta ayuda.	} Entrevistado domina turnos maiores.
KAR 1'04"	¿Y cuáles serían los mecanismos a los que abunda la acupuntura?	
ALO 1'07"	Bien, en primer lugar, eh por vía refleja, o sea, con las agujas, lo que logramos, por un lado, disminuir el grado de ansiedad porque, de alguna manera, quien fuma tiene un beneficio de [####]. Un beneficio entre comillas, o sea, el cigarrillo le ayuda en este momento a a disminuir la ansiedad. Obviamente que después viene el conflicto: "¿Por qué he fumado?", "he sido débil", "no... no he tenido convicciones", "no he tenido voluntad" y eso le genera de nuevo... le genera de nuevo la ansiedad y paradójicamente le hace fumar de nuevo mucho más. O sea que, por un lado, le disminuimos el tenor de la ansiedad a a esta persona. Por otra parte, el fumador tiene bloqueado el gus... el gusto y el olfato. O sea, se recuerdan los que fuman que los primeros cigarrillos eran duros, rígidos, fuertes, raspaban... y que después uno va logrando que todos sus... esas malas sensaciones se desaparezcán y hace una filtración de lo que pretende del cigarrillo y nada más. [...] Obviamente que... algunos pacientes necesitan más tiempo, otros menos tiempo, pero hay un porcentaje importante de paciente que lo logra.	} Turnos menores e interrogativos
KAR 3'15"	Perfecto. Doctor, ¿cómo se lo... se encuentra? ¿Todavía sin teléfono?	
ALO 2'20'	Antes teníamos... tenía la comunidad, los los pacientes ya conocidos como los nuevos me llamaban por teléfono para pedir asesoramiento o turno. Hoy tienen que molestarse tanto a los nuevos como los que ya tienen eh... su historia clínica de servicio, hasta el servicio en el hospital Avellaneda, en los horarios que ustedes conocen, que es de siete y media a doce, porque lamentablemente todavía no tenemos teléfonos, como [todo un nada de este lugar] donde está a servicio de cirugía. Que [Javier] ha hecho una obra muy importante, se ha llevado por adelante el cabrero [#### #### #### ####] nuevamente	} Entrevistado domina turnos maiores
KAR 3'50"	O sea que la gente tiene que ir y pedir contacto.	
ALO 3'53"	Exactamente	} El retoma o turno para terminar o diálogo.
KAR 3'53'	Perfecto. Con nosotros, como todos los lunes, el doctor Guillermo Alonso, jefe del servicio de acupuntura del hospital de clínicas presidente Nicolás Avellaneda. Gracias, doctor, hasta lunes.	
ALO 4'03"	Gracias a usted	

Fonte: elaborada pelo autor.

Da mesma maneira, Graciela Manscusso diz que “hoje a linguagem foi liberada, fala-se como na vida” e Chiche Gelblung afirma que “a rádio tem que falar como o ouvinte”. Essa jornalista destaca ainda o caráter espontâneo que tem a linguagem nessa interação discursiva: “em realidade, a rádio tem que falar como você quer, nada substitui o pessoal”.

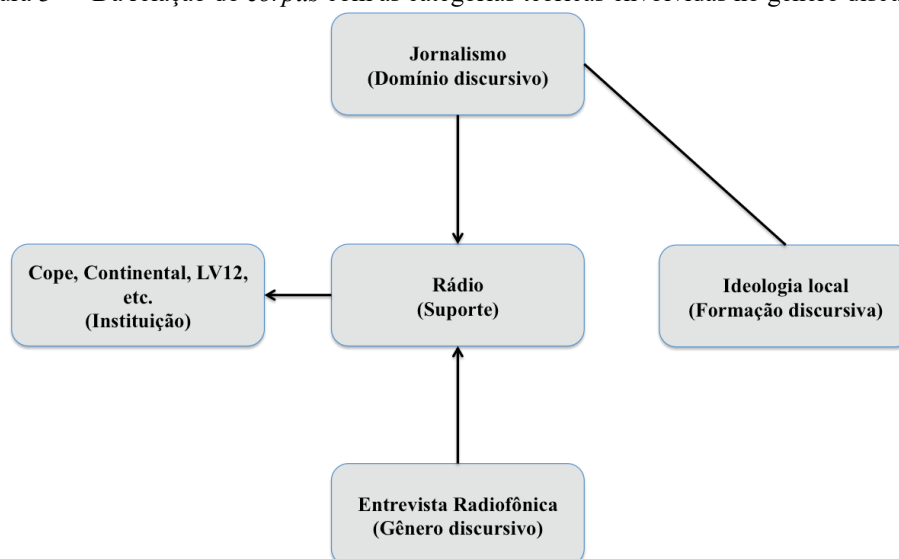
Parece-nos evidente, no entanto, que, diante de um meio de ampla difusão e expressividade, não podemos crer que, de fato, a seleção de elementos linguísticos nos enunciados pertencentes ao gênero é exatamente igual à escolha verificável no uso comum, rotineiro e casual¹¹, no qual não se observa preocupação com a fala. Diante dessa situação de enunciação, o falante parece monitorar, mesmo que discretamente, sua fala a fim de alcançar um padrão linguístico que esteja de acordo com o que ele avalia como mais adequado a um meio de maior prestígio e desenvolvimento tecnológico, como é o caso da rádio.

Por outro lado, a existência de uma maior espontaneidade nesse gênero pode estar relacionada, em partes, à modalidade de concepção e transmissão dos enunciados, ou seja, por pertencer ao domínio da oralidade, torna-se menos possível fazer releituras corretivas, pois tendo sido enunciada, a mensagem já não pode ser apagada – sobretudo quando se trata de entrevistas ao vivo.

Por fim, destacamos a recorrência de diferentes tipos textuais nesse gênero. Tanto é assim que **entrevista radiofônica** pode agregar quase que a totalidade deles, descrevendo eventos (descrição), ordenando-os temporalmente (narração), explicando e analisando determinadas situações ou ideias (exposição), bem como contrapondo ideias (argumentação).

De modo prático e sintético, se aplicarmos a prévia discussão teórica sobre o gênero **entrevista radiofônica** aos enunciados do *corpus*, chegaremos à composição da figura 3, na qual nos é revelado como as categorias teóricas vinculadas à noção de gênero do discurso se organizam na produção da entrevista radiofônica:

¹¹ Segundo Labov (2008, p. 111) “por fala casual, em sentido estrito, entendemos a fala cotidiana usada em situações informais, em que nenhuma atenção é dirigida à linguagem”.

Figura 3 — Da relação do *corpus* com as categorias teóricas envolvidas no gênero discursivo.

Fonte: elaborada pelo autor.

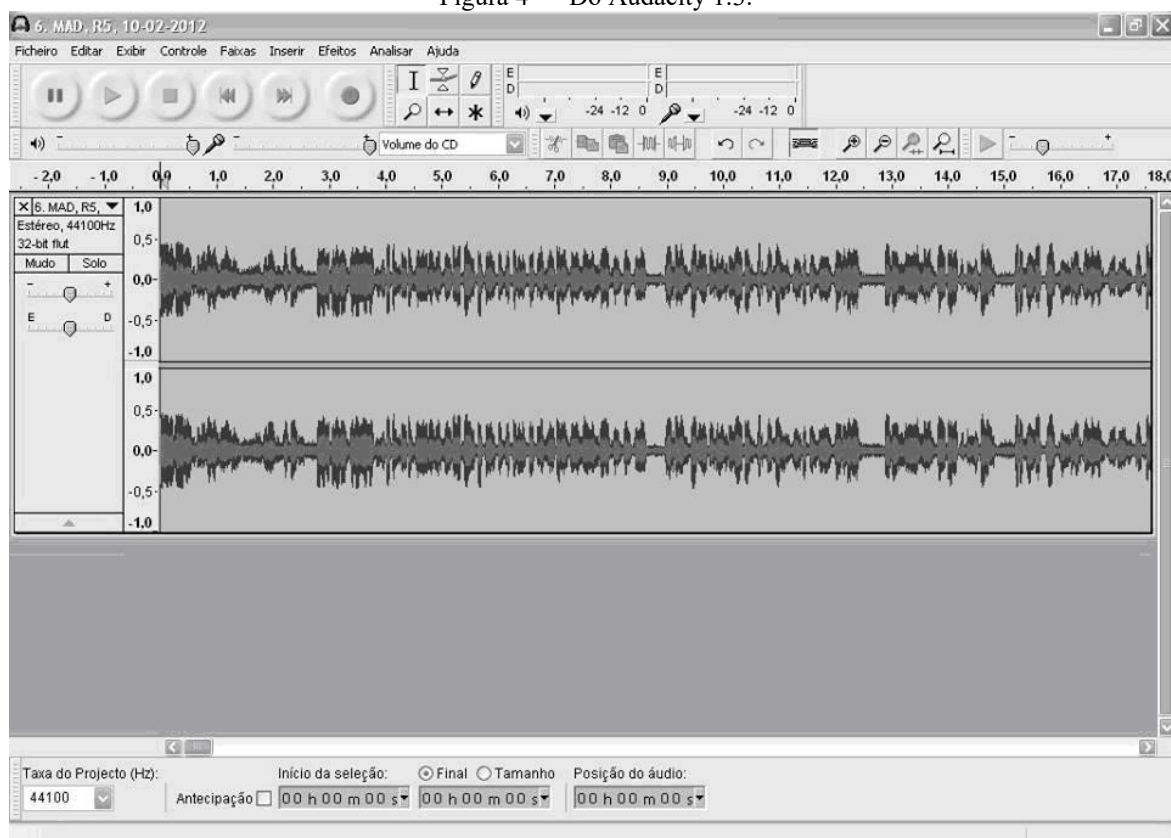
Uma vez construída esse panorama geral do funcionalmente e caracterização do gênero **entrevista radiofônica**, apresentaremos, a seguir, os softwares a que recorreremos para compilar (*Audacity 1.3*) e processar automaticamente (*Tropes 7.2.3*) os textos que constituem os *corpora* de análise, explicando sucintamente a contribuição deles para cumprir os objetivos estabelecidos neste estudo. Isso para que, em seguida, possamos explorar mais concretamente o material que compõe o *corpus* de análise, isto é, descrever os enunciados coletados e verificar como as características do gênero discursivo em foco realizam-se neles.

3. Ferramentas tecnológicas para o estudo da linguagem

3.1 Audacity 1.3

Trata-se de um *freeware* de gravação e edição de áudio em formato WAV, AIFF, MP3 e OGG. Por sua facilidade de manuseio, serviu-nos para a gravação das entrevistas radiofônicas transmitidas por internet, sua edição, além de nos auxiliar na transcrição dos enunciados. Algumas ferramentas como desaceleração do áudio, seleção de fragmentos, entre outras, viabilizaram a realização dessa última função. A informação do tempo de gravação é também um dado fornecido pelo programa por meio da linha do tempo (indicada pela flecha). A seguir, expomos uma imagem da interface do *Audacity 1.3*.

Figura 4 — Do Audacity 1.3.



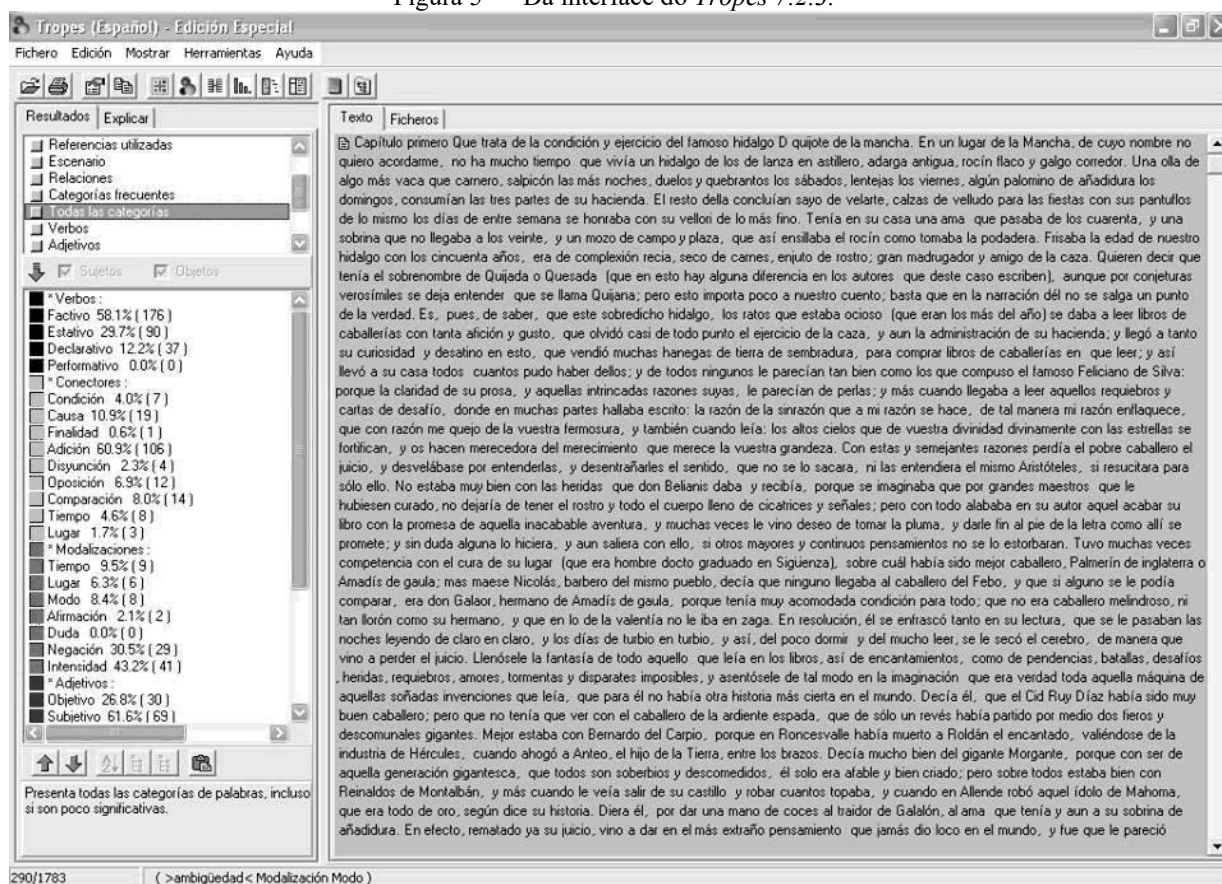
Fonte: própria.

3.2 Tropes 7.2.3

O segundo *software* destaca-se pelo processamento semântico de textos em línguas naturais. Para descrever as características dos enunciados em análise, o *Tropes 7.2.3* vale-se de critérios linguísticos pré-programados e os associa às estruturas linguísticas encontradas nos textos processados. Frente à desenvoltura metodológica tida pelo programa e nosso objeto de estudos, faz-se imprescindível a adoção da versão em língua espanhola.

Como se observa na figura 5, a interface do programa apresenta duas colunas, uma de *Resultados* (à esquerda), na qual verificamos as características textuais e suas proporções, e uma de *Texto* (à direita), na qual são apresentadas sequências textuais que ilustram os resultados da esquerda.

Figura 5 — Da interface do Tropes 7.2.3.



Fonte: própria.

O *software* baseia sua análise na observação de seis classes de palavras previamente definidas pelo próprio sistema do Tropes 7.2.3¹², as quais se estruturam nos grupos dos “verbos”, “conectores” (conjunções), “modalizações” (advérbios e locuções adverbiais), “adjetivos qualificadores”, “pronomes pessoais”, “substantivos e nomes próprios” – conforme se observa na coluna esquerda, da figura 5. Com o processamento automático do texto indexado ao *software* em formato *.txt*, o Tropes 7.2.3 classifica as palavras mais significativas presentes no material tendo em vista essas seis categorias de classe de palavras.

Dita classificação não apenas identifica as palavras em classe, mas também subclassifica cada um dos itens segundo a função semântica que apresenta dentro de cada classe de palavras. Essa subclassificação também é pré-definida pelo próprio *software* e se organiza em:

¹² Essas informações foram retiradas do site que divulga e vende o *software* em questão: <https://www.semantic-knowledge.com/doc/V70/text-analysis/index.html>. Acessado em 09.01.2017.

- **Verbos:** *factivos* (de ação: “fazer”, “trabalhar”, “andar”, etc.), *estativos* (estados ou *posses*: “ser”, “estar”, “possuir”, etc.), *declarativos* (declaração sobre circunstâncias, seres, objetos: “achar”, “julgar”, “crer”) ou *performativos* (ato de linguagem ou realizado por meio da linguagem: “prometer”, “dizer”, etc.).
- **Conectores:** *condicional* (“se”, “caso”, etc.), *causa* (“porque”, “portanto”, etc.), *finalidade* (“para que” “afim de”, etc.), *adição* (“e”, “além disso”, etc.), *disjunção* (“ou”, “ou... ou”, etc.), *oposição* (“mas”, “contudo”, etc.), *comparação* (“como”, “bem como”, etc.), *tempo* (“quando”, “enquanto”, etc.), *lugar* (“onde”, “em que”, etc.).
- **Pronomes pessoais:** organizados em gênero, número e pessoa.
- **Modalidades:** *tempo* (“agora”, “ontem”, “amanhã”, etc.), *lugar* (“lá”, “aqui”, “abaixo”, etc.), *modo* (“diretamente”, “em conjunto”, etc.), *asserção* (“absolutamente”, “certamente”, etc.), *dúvida* (“talvez”, “provavelmente”, etc.), *negação* (“não”, “nunca”, “nada”, etc.), *intensidade* (“muito”, “fortemente”, etc.).
- **Adjetivos:** *objetivos* (caracterizam os seres ou objeto, independentemente do ponto de vista do enunciador. Adjetivos de cor, por exemplo), *subjetivos*: (indicam julgamento sobre algo ou sobre alguém, permitindo assim expressar o ponto de vista do enunciador – “bonito”, “pequeno”, “bom”, etc.), *numeral* (agrupando em numeração ordinal e cardinal).

Ao examinar a ordem de ocorrência das palavras tanto no interior dos orações como no texto, de modo geral, o *software* não apenas **categoriza as palavras** mais frequentes, mais também infere, a partir dos dados provenientes dessa classificação, a **tipologia textual** preponderante nos textos, comparando os resultados obtidos da análise específica do texto indexado com um “padrão” pré-estabelecido pelo programa – o qual deriva do estudo de um grande número de textos diferentes da língua analisada.

Assim, a classificação da tipologia de textos ocorre a partir da informação que as palavras mais significativas aportam, sendo possível a identificação de quatro tipos:

- **Argumentativo:** o enunciador envolve-se, argumenta, explica ou analisa, a fim de tentar convencer o interlocutor.

- **Narrativo:** um narrador afirma uma série de eventos, acontecendo em um determinado momento e em um determinado lugar.
- **Enunciativo:** o enunciador e o interlocutor estabelecem uma relação de influência mútua, compartilhando seus pontos de vista.
- **Descritivo:** um narrador descreve, identifica ou classifica algo/alguém.

Finalmente, além da **categorização das classes de palavras** e da **tipologia textual**, outra ferramenta oferecida pelo *Tropes 7.2.3* que nos será útil no cumprimento dos objetivos deste trabalho está relacionada à identificação dos **campos de referência semântica**. Função que aloca as palavras que aparecem com maior frequência ao longo do texto em um grupo de significados estreitamente relacionados. Assim, identificam-se as temáticas preponderantes do texto. Esse é o caso, por exemplo, da categorização de palavras como “pai”, “mãe”, “irmão”, “avó” e “tio”, pertencentes ao campo de referência familiar.

Será, portanto, a partir da combinação dessas três funções (**categorização das classes de palavras**, da **tipologia textual** e dos **campos de referência semântica**) que as análises oferecidas pelo *Tropes 7.2.3* irão nos auxiliar na descrição das entrevistas radiofônicas, oferecendo-nos, mais especificamente, informações sobre o estilo e o conteúdo temático do gênero. Isso posto, passemos, então, à exploração do *corpus* compilado.

4. Compilação do *corpus* de análise

Segundo Pérez Hernández (2002), a revolução tecnológica vivenciada pela humanidade permitiu-nos, entre outras coisas, o estudo linguístico fundamentado na análise conjunta de enunciados pertencentes às múltiplas situações de interação discursiva, afastando-nos, conseqüentemente, de análises impressionistas, baseadas apenas nas intuições linguísticas do estudioso. Valendo-nos de parte desses recursos, constituímos um *corpus* de análise a partir de materiais linguísticos que registram “a linguagem natural realmente utilizada por falantes e escritores da língua em situações reais” (BERBER SARDINHA, 2002, p. 352) e que se caracteriza por apresentar um

[...] conjunto de datos lingüísticos (pertenecientes al uso oral o escrito de la lengua, o a ambos), sistematizados según determinados criterios, suficientemente extensos en amplitud y profundidad de manera que sean representativos del total del uso lingüístico o de alguno de sus ámbitos y dispuestos de tal modo que puedan ser procesados mediante ordenador con el

fin de obtener resultados varios útiles para la descripción y el análisis (SÁNCHEZ, 1995, p. 8-9)¹³.

Note que, segundo o autor, um *corpus*, além de ser composto por textos efetivamente realizados na prática comunicativa, deverá seguir critérios que lhe assegurem representatividade de, pelo menos, algum âmbito da língua. Esses parâmetros, por sua vez, se caracterizam por condições de naturalidade, de autenticidade, de diversidade, de dimensões e a outros padrões que possam estar relacionados aos propósitos investigativos. A disponibilidade para o processamento digital é também uma das características que deve possuir o *corpus*, posto que com o auxílio dos recursos tecnológicos podemos analisar, de maneira mais precisa e ágil, uma grande quantidade de enunciados.

Considerando as limitações espaciais e temporais que enfrentamos e buscando respeitar as características apresentadas, podemos encontrar condição que satisfaça as exigências propostas por Sánchez (1995) em um *corpus* composto por **entrevistas radiofônicas**. Isto porque, além de encontrarmos esses enunciados disponíveis na rede mundial de computadores – em rádios das três regiões dialetais, que disponibilizam sua transmissão *on-line* –, esse gênero, como já mencionado, apresenta uma variedade linguística mais próxima ao vernáculo.

Uma vez que enunciados pertencentes a um único gênero discursivo e apenas à modalidade falada da língua não podem constituir um *corpus* representativo da totalidade de usos linguísticos de uma comunidade de fala, reconhecemos que as apreciações e conclusões provenientes deste estudo estão limitadas a um importante âmbito da língua empregada em três variedades diatópicas (Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán), no qual se observa o domínio da oralidade com pouco monitoramento. Além disso, o emprego desse gênero discursivo nos possibilita a observação da fala de uma gama diversificada de informantes das regiões, tornando mais viável um estudo diatópico que requeira, por exemplo, as informações referentes aos indivíduos que participam da construção dos enunciados e de seu entorno de enunciação, isso porque a opção por esse gênero e o apoio da internet nos possibilitam o acesso a esse tipo de dados – ora por inferência na própria entrevista, ora por contato direto com as rádios ou, até mesmo, por meio de rede de relacionamentos (*Facebook*).

¹³[...] conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos e dispostos de tal modo que possam ser processados por meio de computador, com o fim de obter resultados vários e úteis para a descrição e a análise.

Sobre a obtenção dos textos, quando não disponibilizados para *download* pelo próprio site da rádio que difundiu a entrevista, o uso do *software Audacity 1.3*, como previamente assinalado, serviu-nos para gravação das entrevistas. Uma vez que a metodologia deste trabalho é uma continuidade da metodologia empregada em trabalhos anteriores (ARAUJO, 2012, 2013), parte do material que compõe o *corpus* desta pesquisa provém da primeira base de dados compilada. Assim, valemo-nos dos *corpora* preexistentes de Buenos Aires e San Miguel de Tucumán, ampliando-os, no entanto, em quantidade de tempo e palavras. Assim, o que antes se limitava a aproximadamente quarenta e sete minutos e oito mil palavras por área diatópica, nessa etapa do processo investigativo, foi ampliado para mais de duas horas, o que equivale a mais de vinte mil palavras por variedade.

Salientamos, contudo, que o *corpus* de Madri foi inteiramente compilado, haja vista que essa variedade não havia sido contemplada em nossas análises prévias. Dessa maneira, a primeira fase dos trabalhos de gravação e transcrição ocorreu em 2010, ao passo que a segunda fase se deu entre os anos de 2013 e 2014. Dispomos na tabela 1 as três regiões dialetais apreciadas neste estudo com algumas informações das entrevistas. Como se pode notar, as mais de 6 horas de gravações (Tempo de grav.), referentes às 28 entrevistas radiofônicas (Nº de entrev.), forneceram-nos quase 66 mil palavras¹⁴, sendo, em média, mais de vinte e um mil a quantidade de palavras provenientes de cada uma das três variedades diatópicas.

É interessante destacar que no grupo de 48 informantes (Nº de info.), encontram-se falantes que possuem desde 26 anos até 70 anos (Faixa etária). No entanto, os dois extremos não constituem parte do grupo etário preponderante nesse gênero. Tanto é assim que a média aritmética da idade dos 51 falantes mostra-nos que a idade média dos falantes é de aproximadamente 44 anos. Em relação ao gênero/sexo dos informantes, notamos uma clara preponderância de homens, posto que do total, apenas 12 são mulheres (23%). As informações referentes à idade e sexo levam-nos a refletir, mais uma vez, sobre o gênero discursivo em questão e sua função social, posto que a entrevista radiofônica parece estar marcada pela presença de uma população masculina e adulta.

¹⁴ As informações de tempo de gravação e quantidade de palavras foram obtidas, respectivamente, por meio da linha do tempo exposta no *Audacity 1.3* e pela ferramenta contar palavras, do editor de texto *Microsoft Office Word*.

Tabela 1 — Da descrição das entrevistas radiofônicas que compõem o *corpus*.

Variedade diatópica	Rádio	Programa	Nº de entrev.	Tempo de grav.	Nº de palav.	Nº de infor.	Faixa etária	Mulher
Madri	Cope	El partido de las doce	11	2h03'58''	23.357	20	26 – 57	4
	Rádio 5	Entrevista en R5						
Buenos Aires	Continental	La mañana	8	2h01'30''	21.124	16	28 – 70	4
	Palermo	Comunas en Plural						
		Entre nosotras						
	Cooperativa	El vermucito del domingo						
Los más grandes								
S. M. Tucumán	LV 12	Manyines en la radio	9	2h00'57''	21.221	12	30-59	4
	LV 7	La mañana de LV7						
		La tarde de LV7						
	Fish	Sin pescado concebido						
Total			28	6h06'25'	65.702	48	26 – 70	12

Fonte: elaborada pelo autor.

Seguindo a tipologia proposta pela Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2000), nosso material de análise se identifica com o “modo falado”, pois tanto em sua concepção como em sua propagação faz uso da oralidade. Quanto ao “tempo”, trata-se de um “*corpus* sincrônico e contemporâneo”, por abordar um único período: o corrente. É “dialetal” e “especializado”, por apresentar, respectivamente, um conteúdo que visa satisfazer um estudo dialetológico e por decorrer de um único domínio discursivo: o jornalístico. Por fim, é um *corpus* de “língua nativa”, já que os falantes possuem o espanhol como língua materna.

Quanto ao tamanho do *corpus* compilado e sua relativa representatividade, é importante sabermos que, de acordo com o que propõe Berber Sardinha (2000, p.346), manipulamos um *corpus* pequeno, por possuir menos de 80 mil palavras. No entanto, ainda orientados pelo autor, somos conscientes de que “a quantidade mínima de dados necessários para a formação de um *corpus* nunca foi estimada [...], sendo o critério de tamanho empregado subjetivamente na definição de *corpus*” (p.345). Desse modo, o *corpus* compilado é suficientemente significativo para o estudo das características de estilo, forma e conteúdo do gênero **entrevista radiofônica**.

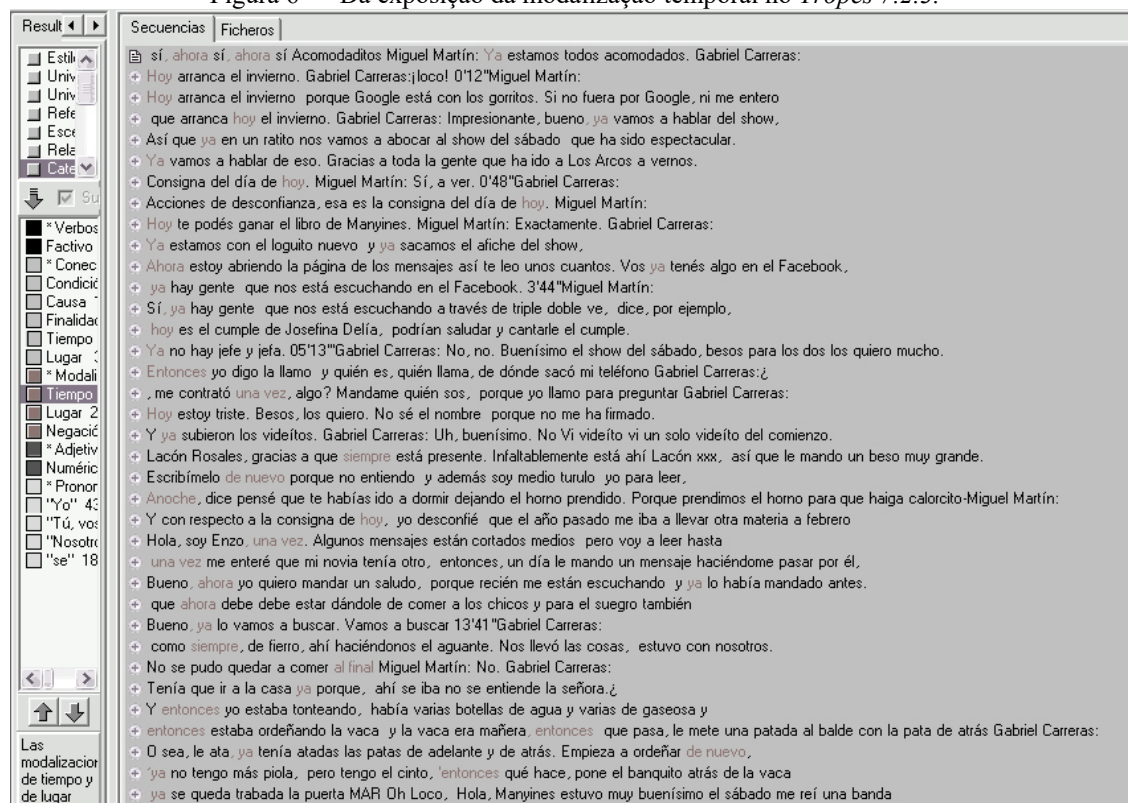
5. Aportes da análise textual automática para a descrição do gênero entrevista radiofônica

A fim de proceder à descrição de algumas das características relacionadas ao estilo, ao tema e à composição dos enunciados veiculados pela entrevista radiofônica, recorreremos ao auxílio do *Tropes 7.2.3*, *software* de processamento semântico. Segundo sua análise, o tipo textual preponderante na composição dos enunciados do *corpus* é o **argumentativo**, ainda que os demais tipos sejam encontrados com frequência igualmente significativa. Quanto à temática,

foi salientada a preponderância de debates sobre questões sociais. No entanto, também estiveram presentes temas ligados à geografia e urbanismo, arte e cultura, política, ciências e tecnologia, economia e finanças, jogos e esportes, animais, alimentação, empresarial, saúde e doenças, direito e justiça, emprego e trabalho¹⁵, ou seja, temas que envolvem a vida cotidiana da sociedade e que, na esfera jornalística, são resgatados e transformados em notícias por serem de interesse do ouvinte.

Por fim, sobre o estilo, o *software* aponta a preponderância de verbos **factivos** e **estativos**¹⁶, que contribuem para a constituição de uma encenação dinâmica. Por meio da categoria **modalização temporal**, a mais preponderante das modalizações no *corpus*, podemos verificar uma grande recorrência de advérbios e locuções adverbiais de tempo que envolvem, fundamentalmente, o âmbito da enunciação (*ahora, hoy, ya*), que expressam frequência (*siempre, una vez, de nuevo*) e fragmentação do dia (*tarde, mañana, anoche*), além de alguns advérbios de posterioridade e anterioridade (*mañana, ayer, el año pasado, en aquel momento*), entre outros. A interface do *software* apresenta-nos essas informações na figura 6.

Figura 6 — Da exposição da modalização temporal no *Tropes 7.2.3*.



Fonte: própria.

¹⁵ Apropriamo-nos da terminologia empregada pelo próprio *software*.

¹⁶ Verbos que, segundo o *software*, expressam, respectivamente, ação e estado.

Destacamos também a preponderância de formas pronominais de primeira e segunda pessoas do singular – reflexo evidente da situação discursiva instaurada no gênero, na qual duas pessoas estão em diálogo direto –, e a tendência da variedade linguística usada nesse gênero aproximar-se do uso vernacular, isto é, menos monitorado e, logo, mais espontâneo. Isso é o que elucidam os seguintes fragmentos:

(01) CAR: [...] *ahora sí, ahora sí, ahora sí. Acomodaditos.* MAR: *Ya estamos todos acomodados.* CAR: Impresionante este feriado. MAR: ¿Qué onda? <TI>
 CAR: [...] *agora sim, agora sim, agora sim. Acomodadinhos.* MAR: *Já estamos todos acomodados.* CAR: Impresionante este feriado. MAR: ¿Qual é boa?

(02) Hola, Víctor Hugo. Tanto tiempo, ¡qué placer! Me estaba riendo con los chistes de tú compañero <BI>.
 Olá, Victor Hugo. Tanto tempo. Que prazer! Estava rindo com as piadas do seu companheiro.

(03) Antonio Adán, ¿qué tal? Buenas noches. ¿Qué tal estás? <MI>
 Antonio Adan, e aí? Boa noite. ¿Como está?

Nos fragmentos apresentados, além de expressões que indicam uma situação de aproximação e espontaneidade (“*¡qué placer!*”, “*me estaba riendo*” e “*chistes*”), encontramos conjugação verbal (*estás*) e paradigma pronominal (*tú compañero*) referente à segunda pessoa do singular *tú/vos*, cujo uso, na Espanha e Argentina, respectivamente, também está relacionado a circunstâncias de menor formalidade e maior familiaridade. Destacam-se também **repetições com efeito cômico** (“*ahora sí, ahora sí, ahora sí*”), **uso de diminutivos** (“*Acomodaditos*”), **expressões de gosto pessoal** (“*¡qué placer!*”, “*Impresionante*”), **formas de questionamento e cumprimentos menos formais** (“*Hola*”, “*¿Cómo estás?*”, “*¿Qué onda?*” “*¿Qué tal?*”), entre tantos outros exemplos verificáveis na totalidade do *corpus*.

Por outro lado, conforme advertido anteriormente, sabe-se que por se tratar de um gênero midiático, no qual não raramente o falante vê-se especialmente atento à situação enunciativa em que se encontra, podemos identificar marcas que apontam, de algum modo, para um monitoramento linguístico. Tanto é assim que é comum constatar, entre outros, o uso recorrente dos seguintes tipos de marcadores conversacionais:

(04) **Repetições de palavras ou grupo de palavras:** [...] *pasearse con las desgracias de la gente y... y bueno queriendo mostrar que ellos tienen la verdad absoluta y realmente eso muchas veces confunde al electorado y... y da mucha*

bronca eh... que que haya tanta mala gente aprovechándose de de la... de lo... de los que por, como lo dije, cayeron en desgracia [...] <T7>.

[...] passear com a desgraça das pessoas e... e bom, querendo mostrar que eles detêm a verdade absoluta e realmente isso muitas vezes confunde o eleitor e... e dá muita raiva é... que que haja tanta gente má se aproveitando de de la... de lo... de los... que por, como disse, caíram na desgraça [...].

(05) **Pausas na fala:** Eh... Madrid también ha mirado sus intereses y yo he mirado por los míos. Eh... ha habido propuestas eh... de otros clubs eh... Y bueno al final por unas circunstancias o por otras ninguna... ninguna se ha cerrado ¿no? Eh... yo creo que es una negociación amplia... [...] <MI>

É... Madri também olhou seus interesses e eu olhei pelos meus. É... houve propostas é... de outros clubes é... e bem, por fim, por uma ou outra circunstância, nenhuma... nenhuma foi concluída, né? É... eu acho que é uma negociação ampla... [...].

(06) **Marcadores conversacionais:** como uso excessivo de “eh”, “este” e “bueno”: “Eh... bueno, una Eh... una sesión muy emotiva”; “[...] un romance que que se mantiene y, bueno, eh... [...]”; “Este... de estas personas que [avalaram] la desaparición de personas, la detención de hijos de desaparecido, la apertura, este... yo digo que este... nadie puede dormir con esta sensibilidad [...] <B3>

É... bom, uma é... uma sessão muito emotiva; [...] uma novela que se mantém, e bom é... [...]; Este... destas pessoas que avaliaram a desapareição de pessoas, a prisão de filhos de desaparecidos, a abertura, este... eu digo que este... ninguém pode dormir com esta sensibilidade [...].

Diante desses dados, não negamos a efetiva aproximação entre o uso vernacular e a variedade linguística usada no gênero **entrevista radiofônica**, contudo, consideramos também que inserido nessa situação de interação humana, o falante apresenta uma sensibilidade maior à realidade linguística instaurada nesse gênero, de maneira que se atém um pouco mais ao modo como fará uso da linguagem. Assim, parece-nos ingênuo considerar as informações provenientes da observação dessa base de dados como válidas, necessariamente, para um contexto cotidiano de monitoramento próximo ao nulo, como se espera, por exemplo, do diálogo trivial de amigos.

6. Considerações finais

Propusemos, neste trabalho, descrever o gênero **entrevista radiofônica** em algumas comunidades hispânicas (Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán), avaliando as contribuições do *Tropes 7.2.3 – software* de processamento automático de textos – para os objetivos traçados. Com esse fim, vimos que os gêneros do discurso caracterizam-se como

estruturas textuais relativamente estáveis que nos servem de base para alcançarmos, por meio da língua, determinados objetivos comunicativos (BAKHTIN, 1997). Ainda segundo o Bakhtin (1997), os gêneros se caracterizam por um estilo, tema e composição próprios. Dirigindo-nos às entrevistas radiofônicas, verificamos que esse gênero se define funcionalmente pelo interesse em reconstruir um evento por meio do discurso, apreendendo e avaliando as opiniões envolvidas nos acontecimentos das mais diversas esferas da sociedade. Ou seja, a entrevista radiofônica se organiza em função do “informar”, fazendo da informação, “notícia”.

Composicionalmente, a entrevista radiofônica apresenta uma estrutura clara de diálogo, que, como vimos, constrói-se em duas frentes. Na primeira, observa-se um diálogo mais próximo do cotidiano, no qual as relações são sincrônicas, mais espontâneas e, aparentemente, se configura a entrevista do enunciador com o enunciatário. Contudo, essa situação não tem valor por si só, já que visa informar um terceiro personagem (enunciatário-ouvinte/espectador) e, portanto, estabelecer uma relação dialógica (*lato sensu*) com ele. Tanto é assim que os integrantes do primeiro plano têm consciência de que estão ali por causa desse interlocutor – o ouvinte da rádio, presente na segunda frente.

Orientados por pressupostos teóricos e metodológicos da linguística de *corpus*, procedemos à coleta e à transcrição dos dados que compuseram o *corpus* analisado pelo *Tropes* 7.2.3. Esse material foi composto por mais de 65 mil palavras e 6 horas de gravação – aproximadamente 2 horas e 22 mil palavras por variedade diatópica investigada –, frutos da gravação de 28 entrevistas, com 48 informantes. Em síntese, a base de dados compilada, caracteriza-se pela modalidade falada, pelo tempo sincrônico e contemporâneo, pelo traço dialetal, especializado e por ser de língua materna (BERBER SARDINHA, 2000).

Sobre as contribuições pontuais do *Tropes* 7.2.3 para proceder ao estudo do gênero entrevista radiofônica, observamos a identificação de algumas características composicionais, estilísticas e de conteúdo que, entre outras coisas, comprovaram uma relativa aproximação entre o uso vernacular e a variedade linguística usada nesse gênero discursivo. No nível **composicional**, o *software* identificou o tipo textual argumentativo como mais recorrente – sem excluir, contudo, a presença significativa dos demais tipos. No nível **temático**, foi possível elencar um conteúdo diversificado, versando sobre os muitos temas que envolvem a vida cotidiana da sociedade e que, na esfera jornalística, são resgatados e transformados em notícias por serem de interesse do ouvinte (por exemplo, questões sociais, geográficas, culturais, políticas, etc.).

Finalmente, no nível **estilístico**, foi possível observar as estruturas verbais e temporais mais recorrentes nos enunciados do gênero entrevista radiofônica. De maneira que os verbos mais frequentes – do subgrupo factivo e estativo – favorecem uma encenação mais dinâmica e os marcadores temporais assinalam a temporalidade instaurada nos textos, isso é, uma concepção marcada, como vimos, pela proximidade com o momento de enunciação, pela expressão de frequência, pela fragmentação do dia e pela indicação de posterioridade e anterioridade. Ainda foi possível identificar a recorrência de formas pronominais de primeira e segunda pessoas do singular – reflexo evidente da situação discursiva instaurada nesse gênero discursivo, na qual duas pessoas estão em diálogo direto.

Referências bibliográficas

ARAUJO, L. S. **Os valores atribuídos ao pretérito perfecto compuesto espanhol nas regiões dialetais da argentina**. 2012. 212 f. Dissertação (Mestrado em linguística e língua portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2012a.

ARAUJO, L. S. **O pretérito em espanhol: usos e valores do perfecto compuesto nas regiões dialetais argentinas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BERBER SARDINHA, T. Lingüística de *corpus*: histórico e problemática. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 16, p.323-367, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a05v16n2.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2016.

FARNEDA, E. S. Perguntas e Respostas na Entrevista Radiofônica. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna**, São Paulo, v. 6, p.1-18, 2007. Disponível em: <http://www.letramagna.com/entrevistaradio.pdf>. Acesso em 01 abr. 2015.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

LIPSKI, J. M. **El español de América**. 7 ed. Trad. Silvia Iglesias Recuero. Madrid: Cátedra, 2011.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, E. (Org.). **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto. 2006. p.115-131.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

PÉREZ COTTEN, M.; TELLO, N. **La entrevista radial**. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

PÉREZ HERNÁNDEZ, M. C. Explotación de los corpóra textuales informatizados para la creación de bases de datos terminológicas basadas en el conocimiento. **Estudios de Lingüística del Español**. Barcelona, v. 18, p.1 –75, 2002. Disponível em: <http://elies.rediris.es/elies18/>. Acesso em 31 mar. 2016.

PORTUGAL, M.; YUDCHAK, H. **Hacer radio**: guía integral. Buenos Aires: Galerna, 2008.

SANCHEZ, A. (Org.). **CUMBRE – Corpus Lingüístico del Español Contemporáneo – Fundamentos, Metodología, y Aplicaciones**. Madrid: SGEL, 1995.

SILVEIRA, M. I. M. **Análise de Gênero Textual**: Concepção Sócio-Retórica. Maceió: EDUFAL, 2005.

Artigo recebido em: 30.10.2016

Artigo aprovado em: 30.01.2017